

CHARTIER, Roger

«As práticas da escrita» in História da Vida Privada , dir por Philippe Ariès e Georges Duby , vol. 3, Do Renascimento ao Século das Luzes , dir. por Roger Chartier. Porto, Afrontamento, 1990, pp. 112-161.

114

Importância da entrada das sociedades ocidentais na cultura da escrita como uma das evoluções mais importantes da Idade Moderna.

progressos da alfabetização

maior circulação da escrita

difusão da leitura silenciosa

Objectivo do artigo: demonstrar como as novas modalidades de relação com a escrita permitem, entre os séculos XVI e XVII, construir uma esfera de intimidade, ao mesmo tempo refúgio e refúgio para o indivíduo não sujeito aos controlos da comunidade. Mas pretende também afirmar que esta evolução nem é destruidora de todas as práticas antigas, nem partilhada por todos os que manuseiam o impresso.

QUANTIFICAÇÕES DE UMA ALFABETIZAÇÃO

Atenção dada pelos investigadores ao número de indivíduos que assinam o seu nome em registos.

114

Nas sociedades de Antigo Regime, onde a aprendizagem da escrita se segue à da leitura e só atinge uma parte das crianças, se todos os que assinam sabem ler, nem todos os que lêem sabem assinar, e entre os que assinam, nem todos sabem necessariamente escrever.

Leitores mais numerosos

Séculos XVI e XVII: grande progresso das taxas de assinaturas por toda a Europa.

116

No século XVII, em toda a Europa, a aprendizagem da escrita é a de um complexo repertório de gestos e posições. Escrever bem é saber manter o corpo a uma distância razoável da folha, colocar correctamente o braço em cima da mesa, pôr os dedos no sítio certo da pena, previamente modelada. Os guardiões e pedagogos desta técnica são os mestres escrivães, simultaneamente peritos na escrita, calígrafos talentosos e professores.

117

A escrita desigualmente dominada

Apesar do aumento da familiaridade com a escrita, ela não é partilhada de forma igualitária.

A diferença percentual entre homens e mulheres nas taxas de assinaturas é globalmente cerca de 30% a mais para os homens. No entanto, este número tem de ter em conta que, muitas vezes, as raparigas eram apenas ensinadas a ler, e não a escrever.

Há também uma marcada diferença entre profissões e estados: (exemplo da Inglaterra rural do século XVII) os padres, os fidalgos, os grandes comerciantes sabem todos assinar; quanto aos artesãos qualificados e os lavradores, entre 70 e 80% têm esta capacidade; mas para a maioria dos ofícios, sobretudo os ligados aos têxteis e ao vestuário, apenas cerca de 50%; a seguir, vêm, por ordem decrescente: os comerciantes e artesãos de aldeia e os trabalhadores da construção, pescadores, pastores, pequenos camponeses e jornalheiros. Esta situação devia ser em grande parte aplicável a toda a Europa da época.

118

Também na cidade a hierarquia das assinaturas coincide com a das profissões e das posições sociais, mas em relação ao campo os números das cidades apresentam um grande avanço.

119

Importância do facto de ser maior nas cidades o contacto com a escrita (que se reflecte nas taxas de assinatura).

O saber ler é, antes de mais, condição obrigatória para o aparecimento de práticas novas, constitutivas da intimidade individual. A relação pessoal com o texto lido ou escrito dispensa antigas mediações, subtrai ao controlo do grupo, permite o virar-se para si .

Formação, em função do domínio das faculdades de ler e escrever, de uma nova relação com a divindade e de novos modelos de relacionamento com os outros e com os vários poderes.

A escrita como base de construção do «Estado Moderno».

As Europas da alfabetização

Este processo gradual de «privatização» das condutas e dos pensamentos distribui-se na Europa de forma cronologicamente não uniforme. A Europa do Norte, mais alfabetizada, é a que é mais precocemente atingida.

120

Europa culturalmente avançada a Norte/Noroeste, Europa atrasada das periferias: na sua simplicidade brutal, o contraste exprime seguramente uma verdade. Exige, no entanto, algumas mudanças.

A Igreja luterana, sustentada pelo Estado, promove acções de alfabetização (capacidade de leitura, mas não de escrita) dos fiéis, através da acção do clero das paróquias. Esta campanha, na Suécia, foi particularmente intensa entre 1690 e 1720, produzindo bons resultados.

121

As Reformas e a escrita

Todavia, não será correcto concluir que esta leitura de todos e de todas seja, sempre e em todo o lado, uma consequência necessária do protestantismo. Já em 1520, Lutero abandona a exigência da leitura universal e individual da Bíblia, para colocar a tónica na pregação e no catecismo, valorizando assim a acção intermediária dos pastores como «explicadores» e «interpretadores» da mensagem divina.

Apenas com a «Segunda Reforma», iniciada pelo «pietismo» no final do século XVII, a relação individual com a Bíblia - que pressupõe o domínio da leitura - é apresentada como uma exigência universal ...

122

Avanços medievais

Importância, de acordo com Philippe Ariès , do desenvolvimento da alfabetização e da leitura, como um dos factos mais importantes que contribuíram para modificar a ideia que o homem ocidental tem de si próprio e da sua relação com os outros.

123

A escrita recusada

... força e persistência de uma representação colectiva hostil à escrita, ao seu domínio ou à sua difusão.

R. Chartier recorre ao texto de Henrique VI , de Shakespeare , para pôr em evidência esta concepção:

124

Tripla recusa da escrita, relacionada com o ódio social que motiva a revolta de um negociante de tecidos:

ela transmite as decisões da justiça ;

ela fixa as dependências económicas dos mais pobres ;

ela tem uma força mágica e maléfica .

O manuseamento da escrita é assim caracterizado como a imposição de uma autoridade que, através da lei ou da magia, submete o fraco ao forte, e também como o sinal de uma recusa da igualdade comunitária.

... Shakespeare inscreve no seu texto uma tensão cultural fundamental, a que opõe o recurso crescente à escrita, tanto no exercício (/125) do poder de comando e de justiça como na esfera das relações entre indivíduos, à valorização nostálgica e utópica de uma sociedade sem escrita, regulada por palavras que todos podem compreender.

Esta rejeição popular apresentada por Shakespeare encontra uma correspondência na recusa da imprensa por parte dos letrados , que é um tema frequente na transição do século XV para o XVI.

Em Veneza, Filippo di Strata , um dominicano, usa os seguintes argumentos contra a invenção de Gutenberg: A imprensa é multiplamente culpável porque

corrompe os textos, postos em circulação em edições prematuras e incorrectas, com o objectivo único de se obter lucro ;

corrompe os espíritos difundindo textos imorais e heterodoxos, subtraídos ao controlo das autoridades eclesiais ;

corrompe o próprio saber, aviltado só pelo facto de ser divulgado entre ignorantes .

Conclui o seu raciocínio, afirmando que: «Est virgo hec penna, meretrix est stampificata ».

A aculturação escrita das sociedades ocidentais teve assim que coexistir com uma representação durável do saber que considera a sua difusão como uma profanação. A partilha da capacidade de ler e escrever, a multiplicação dos objectos impressos são fonte de confusão para os homens de letras, eclesiais ou leigos, que pretendem monopolizar a produção ou a discussão do conhecimento.

126

Dois motivos constituem assim uma dupla fundamental:

a que atribui aos populares uma recusa da cultura escrita , entendida como instrumento de dominação que desfaz o tecido da comunidade, a que faz com que os letrados recusem a apropriação vulgar do saber reservado, ou seja, as chaves que lhe dão acesso.

Foi seguramente contra esta dupla representação que se operou o acesso à escrita nas sociedades ocidentais.

PRÁTICAS DE LEITURA A leitura silenciosa

Referência à afirmação de Ariès da leitura feita na intimidade de um espaço subtraído à comunidade, a qual permite a reflexão solitária . Esta «privatização» da prática da leitura é considerada como uma das mais importantes evoluções culturais da modernidade.

A leitura silenciosa, desenvolvida durante a Idade Média nos scriptoria dos copistas, transforma, a partir de meados do século XII, os hábitos universitários e atinge, dois séculos mais tarde, as aristocracias laicas. No século XV, a leitura silenciosa torna-se vulgar, pelo menos para os leitores mais familiarizados com a escrita.

127

A leitura silenciosa transformou radicalmente o trabalho intelectual e permitiu uma piedade mais pessoal, uma devoção mais privada, uma outra relação com o sagrado, diferente da que era regulada pelas disciplinas e mediações eclesiásticas .

128

Ler sozinho permite igualmente o conhecimento de textos que não seriam lidos publicamente: obras heréticas, eróticas, etc.

129

A separação entre os meios onde a leitura se identifica cada vez mais com um gesto de intimidade e aqueles em que ela se insere numa sociabilidade comunitária ou popular parece ser bem nítida, ainda que haja algumas nuances .

Mais livros para mais leitores

Referência aos inventários post-mortem como fontes ricas mas necessariamente incompletas.

131

Importância do aumento do número dos possuidores de bibliotecas.

Relativamente à posse de livros, os as cidades dos países protestantes estão nitidamente acima das demais.

Leituras protestantes

A fronteira religiosa surge assim como decisiva na distinção de duas relações com o livro possuído particularmente.

133

A esta diferença na posse de livros outras se juntam, contrastando fortemente tanto a própria economia das bibliotecas como as práticas de leitura.. Nas regiões luteranas, todas as bibliotecas, qualquer que seja o nível social do seu proprietário, se organizam em torno do mesmo conjunto de livros religiosos.

134

... Nesta cultura saber ler é espontâneo, já que quando a criança é confrontada com a escrita reconhece imediatamente os textos já ouvidos, guardados na memória, muitas vezes sabidos de cor.

... Ler, portanto, significa voltar sempre aos mesmos livros, pouco numerosos para além da Bíblia e transmitidos de geração em geração.

136

A biblioteca ou o retiro do mundo

... para aqueles que a podem ter, a biblioteca passa a constituir o lugar por excelência do retiro, do estudo e da meditação solitários.

137

Esta tensão entre o duplo desejo de se afastar da «multidão» e de manter controlo sobre o mundo remete sem dúvida para a liberdade absoluta que a relação com os livros faculta, e daí para o domínio total (/138) que o indivíduo pode ter sobre si mesmo, sem constrangimentos nem controlos.

139

A apropriação do livro

140

Referência à catalogação dos livros pelos seus possuidores, e às marcas pessoais que muitos neles inscrevem.

143

Importância dos hábitos privados de leitura (por exemplo, ao deitar), da leitura conjugal (os esposos que lêem um para o outro ou em conjunto, deitados na cama), dos senhores que chamam criados para que lhes leiam em voz alta.

A leitura individual pode também acompanhar os passeios e o caminhar.

Ler em silêncio, para si , é suficiente para criar uma área de intimidade que separa o leitor do mundo exterior; portanto, mesmo no centro da cidade, na presença de outros, ele pode estar só com o seu livro e com os seus pensamentos.

144

A leitora

145

Referência aos romances lidos pelas mulheres e aos móveis confortáveis em que se abandonavam ao prazer dessas leituras nada virtuosas...

146

... associação que identifica toda a leitura feminina com o lazer preguiçoso, o prazer sensual, a intimidade secreta.

147

Ouvir ler

... entre os séculos XVI e XVIII a leitura em voz alta, entre amigos escolhidos ou companheiros de ocasião, permanece como um dos laços essenciais de fundamentação das sociabilidades - mesmo de elite .

148

Algumas obras trazem mesmo na sua introdução instruções para uma boa leitura em voz alta.

149

Ouvir ler. No século XVII esta prática é frequente. Nos exércitos e em campanha ela ocupa o tempo do repouso, fortifica as amizades, alimenta os pensamentos.

152

Leituras familiares

Por fim, a leitura em voz alta é uma das práticas que dá coerência a um outro privado: o da intimidade familiar.

153

Leituras conjugais, leituras entre pais e filhos e leituras com toda a família reunida.

155

Usos populares

Sociabilidade do convívio, intimidade familiar e doméstica, retiro individual: eis as três esferas de existência dos homens do ocidente, onde o livro e as suas leituras ocupam um lugar preponderante.

... Também em meios populares se pode encontrar esta mesma pluralidade de usos do material impresso - com o pormenor de que, nesses casos, os impressos nem sempre são livros, ou não o são muitas vezes.

A leitura em voz alta, feita por alguém que sabe ler para quem não sabe ou não domina perfeitamente a leitura, é uma prática comum.

Na Espanha dos séculos XVI e XVII, os romances de cavalaria são as obras que mais frequentemente são objecto deste tipo de leitura.

156

Mas a relação popular com a escrita não se limita de modo algum a esta literatura ouvida. Entre os séculos XVI e XVII a escrita penetra na intimidade de um grande número de pessoas sob a forma de textos impressos com um carácter fortemente afectivo, pelo facto de se ligarem a momentos importantes da vida familiar ou pessoal. É o caso ... das cartas

de casamento ... das imagens de peregrinação ... das imagens de confraria Afixados na parede ou guardados em lugar seguro, tais objectos, em que a imagem acompanha sempre o texto, permitindo assim uma (/157) pluralidade de decifrações, desempenham um papel fundamental como vestígios para a recordação e para a afirmação de si próprio, e portanto para a constituição de um privado simultaneamente íntimo e exibido.

Das leituras à escrita

Para algumas pessoas, nascidas do povo, dominar a escrita é também produzi-la.